

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD
1 e 3 de Março de 2023

PARIS BLUES / 1961 (Noites de Paris)

Um filme de MARTIN RITT

Realização: Martin Ritt / **Argumento:** Walter Bernstein, Irene Kamp, Jack Sher a partir do romance homónimo de Harold Flender / **Director de Fotografia:** Christian Matras / **Música:** Duke Ellington / **Montagem:** Roger Dwyer / **Direção Artística:** Alexandre Trauner / **Interpretação:** Paul Newman (Ram Bowen), Sidney Poitier (Eddie Cook), Joanne Woodward (Lillian Corning), Diahann Carroll (Connie Lampson), Serge Reggiani (Michel Duvigne, o cigano), Louis Armstrong (Wild Man Moore), Barbara Laage (Marie Seoul), Moustache (Moustache, o baterista), etc

Produção: Sam Shaw para a Pennebaker Productions e United Artists / **Cópia:** em 35 mm, preto e branco, versão original legendada electronicamente em português / **Duração:** 98 minutos/ **Estreia Mundial:** Estados Unidos, 27 de Setembro de 1961 / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Jorge a 30 de Maio de 1961.

Antes de mais, devo confessar, como é agora moda e de bom tom, uma “declaração de interesses”: Martin Ritt nunca foi um dos meus realizadores de cabeceira. Do (pouco) que vi da obra dele ou nunca me entusiasmou por aí além (HUD) ou me desencorajou francamente a curiosidade para ver mais (NORMA RAE, THE FRONT).

Martin Ritt (1914-1990) já não era propriamente um jovem quando, em 1957, realizou a sua primeira longa-metragem (EDGE OF THE CITY). Nova-iorquino de gema, entra para o mundo do espectáculo como actor, ainda nos anos 30, por intermédio do New York Group of Theater de Elia Kazan. Depois da guerra (em que cumpriu o serviço militar no Exército) recomeçou a trabalhar em teatro, mas agora como encenador. Entre 1948 e 1951 realiza inúmeros programas para um emergente *media* chamado televisão. Nesse ano é um dos “black-listed” pelo senador McCarty e até 1956 o único emprego que arranja é o de professor no Actors Studio, onde teve como alunos, entre outros, precisamente, dois dos protagonistas deste filme: Paul Newman e Jane Woodward.

Até morrer, realizaria 26 longas-metragens, ganharia um oscar (HUD) e uma palma de ouro em Cannes (NORMA RAE).

Martin Ritt - honra lhe seja feita - foi sempre fiel aos seus princípios de homem de esquerda e o seu cinema foi sempre (ou quase sempre) um cinema *engagé*.

PARIS BLUES não é excepção à regra. A “boa” causa, neste caso (como já o tinha sido em EDGE OF THE CITY e THE SOUND AND THE FURY) é a questão racial, uma questão que nos Estados Unidos era, à época (uns anos antes de Martin Luther King ter dito que tinha um sonho), particularmente escaldante.

E é, particularmente nesse aspecto, que o filme envelheceu, tornando-se, até, confrangedoramente reaccionário. Por um lado, os negros (e as negras) podem ter (e têm) amigos brancos (e/ou vice-versa) mas nas relações amorosas, não há cá misturas; por outro, por tanto querer levar à brasa a sardinha dele (dele, Martin Ritt) o chauvinismo (que por vezes se confunde com paternalismo) com que são tratadas as personagens francesas (especialmente a interpretada por Serge Reggiani, o cigano) é indefensável

Política e boas intenções à parte, também não posso estar mais em desacordo com a generalidade das críticas (e dos críticos) da época, que defendiam o filme pelo modo “original” e pouco convencional como retratava uma relação amorosa, pondo-a em contraponto com uma vocação artística. Considero aliás que o argumento é o calcanhar de Aquiles deste filme. Regra geral (eu sei que há excepções) quando se contratam quatro argumentistas é sinal de que a coisa nasceu torta. E como diz o ditado...

Mas nem tudo são espinhas.

Na minha opinião o primeiro e principal motivo pelo qual este filme vale a pena ser visto é aquele pelo qual - pelo que pude ler - foi à época bastante desvalorizado. Estou a referir-me à música, ao jazz. E não só a banda sonora (e eu sou dos que acha que Duke Ellington, só por si, resiste a tudo e mais alguma coisa), há também a música “filmada”. E a sequência em que Louis Armstrong (e a sua orquestra) entram pelo *night club* adentro é um grande momento, (também) de cinema. Como o são o pré-genérico e o final do filme em que o *outdoor* de Wild Man Moore (aliás Louis Armstrong) é arrancado.

Os outros motivos são todo o cast, (a culpa não é deles), incluindo os músicos (para que conste Murray MacEachern no trombone e Paul Gonsalves no saxofone) e o magnífico trabalho a preto e branco de Christian Mastras.

João Pedro Bénard